

**As práticas agrícolas de colonos na região Noroeste do Rio Grande do Sul: paisagem, colonização e as transformações na criação de porcos**

**Colonos' agricultural practices in the northwest region of Rio Grande do Sul: landscape, colonization and transformations in pig breeding**

Sílvia Maria Poletti

### RESUMO

Este trabalho aborda a criação de porcos na região Noroeste do Rio Grande do Sul desde a perspectiva da Antropologia da Paisagem (TSING, 2019). Refletiremos sobre como a colonização da região transformou os entornos do Rio Uruguai a partir de uma proposta cosmopolítica (STENGERS, 2018), ou seja, de um lugar de hesitação sobre os conhecimentos em torno do ambiente eto-ecológico. Buscaremos analisar o encontro entre imigrantes *versus* caboclos e indígenas através da noção de conflito ontológico (ALMEIDA, 2013) e a repercussão do conflito no interior da relação de imigrantes com suas práticas agrícolas (HAUDRICOURT, [1962] 2013).

**Palavras-Chave:** Antropologia da Paisagem; Criação de porcos; Rio Grande do Sul; Conflito Ontológico. Colonização.

### ABSTRACT

Abstract: This article approach about the pork breeding at northwest of the Rio Grande do Sul, Brazil, since the perspective of Anthropology of Landscape (TSING, 2019). We will reflect on how the colonization of the region transformed the surroundings of the Uruguay River from a cosmopolitical proposal (STENGERS, 2018), that is, from a place of hesitation on the knowledge about the eto-ecological environment. We will seek to analyze the encounter between immigrants *versus* caboclos and indigenous people through the notion of ontological conflict (ALMEIDA, 2013) and the repercussion of the conflict within the relationship of immigrants with their agricultural practices (HAUDRICOURT, [1962] 2013).

**Keywords:** Anthropology of Landscape; Pork Breeding; Rio Grande do Sul; Ontological conflict; Colonization.

### INTRODUÇÃO

Na região noroeste do Rio Grande do Sul, o interior é povoado por suínos<sup>1</sup>, nas cidades, moram mais animais do que gente. Parece um imenso condomínio onde quem vive são os suínos, que, confinados em grandes pavilhões retangulares, crescem e, após certo tempo de vida, quando atingem um peso ideal para se abater, tomam rumo para os

abatedouros e, sua carne viaja até as grandes cidades, podendo até mesmo fazer viagens continentais para a Rússia ou Hong Kong. Enquanto que, na cidade, quem vive o dia a dia da criação sente o cheiro do transporte e vê cada vez mais a paisagem da soja aos arredores da cidade e das reservas indígenas e florestais da região. A “rota da onça pintada” pela vegetação da Mata Atlântica se transformou na “rota do suíno” para o desenvolvimento e o progresso da região. Os porcos estão lá vendo seus parentes geneticamente melhorados para atender aos requisitos da produção em larga escala, e as famílias interioranas cuidam de seus animais domésticos como se fossem gente, com lavagem, boas mandiocas cruas e milhos frescos. Agricultores criadores de suínos para a agroindústria local criam seus porcos para o consumo familiar, donos de empresas de suínos compram porcos de famílias que os criam como gente. As cidades interioranas enfrentam, nos dias atuais, um dilema entre cultivar a biodiversidade doméstica e alcançar o iminente e sonhado progresso, que há de vir se todos trabalharem arduamente como os que chegaram nestas terras (alusão aos imigrantes que colonizaram a região no início do século XX) (RENK, 2006).

O trabalho está dividido em três partes. A primeira delas é uma discussão teórica e metodológica com Anna Tsing e Isabelle Stengers. A partir da proposição *cosmopolítica* de Isabelle Stengers, penso o fazer da pesquisa e as questões metodológicas que envolvem o campo etnográfico. E, de Anna Tsing, utilizamos o arcabouço conceitual, a *paisagem, biodiversidade contaminada*, e outras formulações da autora que se mostraram interessantes para pensar o cenário da pesquisa. Na segunda parte, nos deparamos com as paisagens de criações de porcos através da história das coordenações de humanos e não-humanos ao longo do encontro entre caboclos e colonizadores. Buscamos compreender como acontece a criação de porcos desde a fixação de imigrantes alemães, italianos e poloneses na região, através dos encontros que aconteceram entre este ser ontológico “imigrante”, suas ferramentas, roças e criações em composição com a paisagem local, caboclos, matas, animais. Por último, tratamos da monocriação, como ela acontece, e quais vínculos permeiam os suínos e agricultores com ambiente de criação em larga escala, bem como tentamos trazer à tona a assimilação da biodiversidade doméstica nesta paisagem enquanto condição de interpretação do conflito ontológico presente na criação de porcos.

### **I. Isabelle Stengers e Anna Tsing: conversas metodológicas**

Proponho uma escrita, antes de tudo, animista, orientada pelo pensamento do meio, como coloca Stengers motivada por Gilles Deleuze. Reativando o ânimo pela

experiência, e os agenciamentos outros que se suscitam ao correr o risco nela, fazendo uma arte imanente de prestar atenção, assim como as bruxas neopagãs estudadas pela filósofa (STENGERS, 2016). A intenção, aqui, não é se utilizar da teoria para captar uma prática, ou, ainda, atuar de modo generalizante. O exercício é, antes de tudo, uma percepção de agências heterogêneas que permitem a associação entre si devido aos contextos nos quais se localizam.

Seguimos as pistas da filósofa no que concerne a uma proposição *cosmopolítica*, que seria uma desaceleração da construção de mundos comuns e a possibilidade de espaços de hesitação. Desta forma, “o cosmos, tal qual ele figura nesse termo, cosmopolítico, designa o desconhecido que constitui esses mundos múltiplos, divergentes, articulações das quais eles poderiam se tornar capazes, contra a tentação de uma paz que se pretenderia final” (STENGERS, 2018, p.6) A intenção da autora seria menos pela busca de respostas que confirmem algo e, mais inquietude diante daquilo que é explicado. Para Stengers, existe uma *eto-ecologia* que torna impossível de separar o comportamento próprio de um ser, *ethos*, e seu ambiente, *oikos*, o pesquisador, em sua experiência, se torna capaz de pensar em presença daqueles que pesquisa. Trazer à tona os problemas, resgatar o sentido coletivo das experiências locais que animam a reflexão em torno do local, *oikos*, é fazer uma ecologia política. Nas palavras de Ailton Krenak, perceber o lugar ao qual um sujeito está ligado como um ambiente que é coletivo e que tem implicações sobre suas concepções e modos de viver, conseguindo, assim, associar as práticas que permeiam este ambiente e suas implicações é fazer uma ecologia política:

A ecologia política, pela epistemologia contra-hegemônica que propomos, é um projeto que reconstrói essa relação entre sujeitos coletivos e a existência orgânica em comum; expõe as estruturas assimétricas de poder que atingem essa relação comum sujeito/ambiente e promovem a individualização/espoliação, com a apropriação do trabalho e das formas ecológicas de subsistência com a construção de um "eu-saqueador"/"eu-aniquilador" (KRENAK, 2018, p.1).

Portanto, faço aqui uma proposição cosmopolítica, no sentido de não deixar que a ecologia estudada no decorrer deste trabalho caia no esquecimento. Apresento uma ecologia política, pois, o ambiente da criação de porcos é um espaço que apresenta estruturas assimétricas de poder que atingem a relação entre os sujeitos e seu ambiente, gostaria de pensar até que ponto estas relações promovem uma diferenciação entre si e de que forma se beneficiam do ambiente de confusão ao qual se inserem.

Vivemos em um momento geológico, designado de Antropoceno, um período de extenso impacto humano na terra, que interfere em ciclos climáticos e ambientais que

vem desencadeando em extinções, catástrofes climáticas, erosão e desertificação do solo, acidificação dos oceanos (CRUTZEN; STOERMER, 2015). A contaminação, ou *diversidade contaminada* proposta por Anna Tsing, é uma adaptação colaborativa a ecossistemas de perturbação humana (TSING, 2019). Narrar o modo de criar industrial pode ser então, uma maneira de perceber os modos de criar contaminados pela sua inserção em locais onde antes existiam perturbações diferentes, ou modos de criar outros, que perturbavam de outra maneira. O que persiste lentamente neste ambiente que foi afetado por grandes infraestruturas de criação?

As infraestruturas, os criadouros industriais, grandes e retangulares em que vivem centenas de suínos, e os chiqueiros que não tem uma geometria definida, geralmente pequenos, que hospedam poucos porcos, são muito mais do que objetos estruturantes do ambiente ao qual se destinam.<sup>1</sup> Então, como entender estas estruturas como parte constituinte das relações de criação? Tsing, em seus trabalhos, propõe conceitos interessantes que podem ajudar a pensar as infraestruturas de criadouros como parte da paisagem, entendida como “mundos ativos da vida, sustentados por traços e legados materiais, mas ainda abertos a formas e possibilidades emergentes” (TSING, 2019). Algo importante sobre a paisagem é que ela é constituída através da observação direta, possibilitando entender as relações do ambiente como coordenadas que formam o que Tsing denomina de *assembleias*. “Assembleias são agrupamentos abertos. Eles nos permitem questionar sobre efeitos comuns sem assumi-los, e nos mostram histórias potenciais em formação.” (Id., p.150). Muito brevemente, citando o trabalho de duas pesquisadoras, Nathalia Brichet e Frida Hastrup (BRICHET; HASTRUP, 2015)., Tsing aborda o método de *curiosidade lateral*, o qual seria uma forma de colaboração entre envolvidos na pesquisa, de fato, indo de encontro à proposta cosmopolítica de Stengers. Os passos de Tsing, ao dizer que é necessário pensar através de uma curiosidade lateral para construir um conhecimento colaborativo, recusando o saber demais e com antecedência e aprendendo sem fazer uso de pressuposições, o que exige uma paciência infinita e coloca um desafio de reconstituição histórica, não é senão um fazer cosmopolítico. A curiosidade lateral é um método que busca a colaboração entre interlocutores e pesquisador em busca de tomar o mundo compartilhado como comum, guiando-se pela curiosidade. Assim, se constrói um conhecimento que, para Brichet e Hastrup é elaborado em conjunto com quem informa, recusando um recorte teórico e uma fundamentação ontológica e abrindo espaço para a invenção filosófica, nos termos de

Viveiros de Castro, uma *ontografia*, ou uma *antropologia menor* (VIVEIROS DE CASTRO, 2015;); (VIVEIROS DE CASTRO *et. al.*, 2019).

As coordenações criadas entre os suínos e o espaço em que vivem, dentro da infraestrutura, junto do cuidador e do pouco contato que tem com o exterior, dizem sobre uma paisagem que necessita da curiosidade e da paciência para ser conhecida. À primeira vista, parece não existir complexidade na relação de criação industrial, devido à escalabilidade que pretende padronizar, ou tornar um design preciso e expandi-lo, como no caso das *plantations*, e, mais recentemente das indústrias (TSING, 2019). No interior de um criadouro industrial, somos levados a acreditar que existe um controle sobre o suíno, afinal, para todas as fases da vida do animal, desde sua concepção artificial, que prevê um bom sêmen de uma boa matriz escolhidos por humanos capacitados para tal, ao nascimento assistido pois, logo após, o filhote é embebido em pó para que facilite seu crescimento, até o monitoramento cotidiano para detectar alguma falha que leva o filhote ou a leitoa ao adoecimento, tudo ali é levado a entender como protocolar e não sociável. Os suínos são levados a ser *nonsoel*, elementos não sociais (Ibid., 2019), porém, a estrutura em que vivem colocam suas vidas em relação com o ambiente, por mais controladora que seja ela.

Viver dentro de grandes pavilhões retangulares, com subdivisões internas que alocam os animais por período de vida, diz muito sobre como, em meio à *escalabilidade*<sup>1</sup>, os suínos rearranjam seu modo de viver. A troca entre o ambiente controlador e a socialidade produzida nele e, a partir dele, é constante e não escalável. Um grupo de leitoas<sup>1</sup>, perto do período de fertilização, compartilham de uma divisão próxima de um muro que separa as leitoas de uma imensa poça de lama que está do lado exterior da estrutura do criadouro, mesmo nunca tendo adentrado uma poça de lama, e, talvez por isso mesmo querendo adentrá-la, as leitoas criam arranjos que tornam possível sua ida até a poça. O cuidador planta algumas árvores para impedir que elas avistem a poça de lama e dificultar o acesso das leitoas até o exterior. Sem sucesso na investida, pois, as leitoas continuam fugindo, o cuidador faz um muro para além do muro de madeira para além do muro de concreto, cessando assim a fuga das leitoas. A estrutura da criação industrial não imagina uma reação das leitoas, a curiosidade que leva as leitoas a se deliciarem na poça de lama é lateral, constrói um conhecimento através da experiência. Elas conhecem um bom lugar para brincar, e a brincadeira é uma potência criativa que as leva a fugir sempre que possível<sup>1</sup>. E, descrever esta situação só é possível porque uma curiosidade surge, a partir da curiosidade que as leitoas tiveram em ir brincar na lama, fugindo da estrutura do

criadouro. Levar a sério a curiosidade das leitoas é exercer uma colaboração, no sentido de construir um conhecimento das socialidades que as leitoas agenciam enquanto convivem dentro e com as estruturas de criação industrial. O cuidador, aqui, é um dos elementos que interfere na agência das leitoas, em certa medida, o cuidador compõe com elas, ao resgatá-las da lama e estabelecer um limite para que não fujam, ele dá o sinal, “não gosto das suas fugas, seu lugar é aqui dentro!”. Claro que essa decisão unilateral não será necessariamente acatada pelas leitoas, porém não deixa de ser um modo de interação entre ambos.

Gostaríamos de considerar o material teórico e alguns vestígios empíricos levantado até aqui e seguir para uma outra dimensão desta escrita, trazendo outros detalhes importantes para compreender a paisagem de estudos e as hesitações repercutidas em seu interior. Para isso, no próximo tópico, trataremos historicamente sobre a região noroeste do Rio Grande do Sul e as socialidades que emergiram do processo de colonização.

## II. Histórias de coordenações humanas e não-humanas

**Figura 1:** Museu Antropológico Diretor Pestana



**Fonte:** Acervo digital Família Beck (1974)

Na imagem, uma família de colonos posando para a fotografia junto da sua criação de porcos, é possível perceber que os animais têm coloração escura e vivem em cercados expostos ao tempo. O acervo data de 1974, como época da doação, neste tempo (1940-1970), era comum a criação de porcos tipo banha, apesar da incidência da Peste Suína Clássica (PSC). Com a falta de frigoríficos especializados e nenhuma política nacional de regulamentação sanitária, abatiam-se os porcos em casa, e, como visto na fotografia

acima, os animais poderiam pesar mais de quinhentos quilos. Nesta mesma época, devido aos problemas da PSC e a expansão da Peste Suína Africana (PSA), a criação de porcos para banha passa a diminuir, somente em 1978, quando a PSA chega ao país e os órgãos do governo passam a fiscalizar os chamados criadores de fundo de quintal (VIANA, 2004, p.27).

A criação em cercados chamados de “chiqueiros” é uma prática comum dos imigrantes que passaram a povoar a região do Alto Uruguai e Oeste de Santa Catarina no início do século XX (WINCKLER; RENK; LESSA, 2017). Criar os animais fechados é uma forma valorativa de lidar com a terra. Conforme estudos de pequenos minifúndios rurais, a criação de porcos<sup>1</sup> passou a ter centralidade na produção familiar, alguns autores falam numa “agricultura que foi subordinada à suinocultura” (TESTA; NADAL; MIOR; *et. al. apud* WINCKLER; RENK; LESSA, 2017). Anterior à colonização dos povos Kaingang, Guaranis e caboclos ocupavam a região e mantinham uma relação moral com a terra, despossuindo títulos ou algo que comprovasse que a terra era um bem de valor, exercendo uma transitoriedade espacial. Os caboclos, especificamente, mantinham uma relação de criação de animais muito diferentes dos imigrantes, os porcos criados ficavam soltos e distantes da roça de plantar, como as matas ocupavam grande parte do território, os animais embrenhavam a mata e se reproduziam facilmente, se asselvajando (GERHARDT, 2012).

O conflito de imigrantes colonos com caboclos e indígenas dá-se através da constituição ontológica que estabelece pressupostos distintos entre ambos e, é confrontada no encontro no momento de colonização da região. Caboclos e imigrantes conviveram e ainda convivem em conflito, traduzido pelos colonos enquanto grupo étnico e de origem, porém, no decorrer dessa vivência, é possível notar que a exclusão de caboclos e indígenas e a objetivação negativa destes pelos colonos não acarretaram necessariamente em não assimilação e transmissão de conhecimentos entre ambos<sup>1</sup>. É imprescindível que diante do conflito instalado, imigrantes tenham, com a ajuda do estado-nação, sobressaído expulsando caboclos das terras e dificultando a reprodução de sistemas agrícolas tradicionais. Diferente de partes do Sudeste e da Amazônia, por exemplo, onde caboclos recentemente tiveram o sistema agrícola tradicional reconhecido como Patrimônio Imaterial por parte de órgão governamental e das Nações Unidas, temos, como exemplo, o Sistema Agrícola Tradicional das Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira em São Paulo e, o Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro no Amazonas.

Almeida (2013) pensa as diferenças na constituição de entes sociais confrontadas com as experiências pragmáticas entre estes entes, estes encontros podem gerar compatibilidade ou conflitos, desencadeando até mesmo em guerras ontológicas (existenciais). O antropólogo aborda a ontologia-caipora como tendo pressupostos de caça totalmente diferente de modelos de ontologias científicas e que, quando confrontados pragmaticamente geram efeitos de compatibilidade e incompatibilidade. Por exemplo, a introdução da caça comercial é um ato de guerra ontológica, visto que o regime comercial é incompatível com o manejo de caça caboclo baseado em redes de vizinhança, a pressuposição de entes diferentes leva à precariedade da existência da ontologia caipora e do manejo de caça baseado na relação de caçadores com “panema” (ALMEIDA, 2013, p.20-21). Da mesma forma, a ontologia de imigrantes colonos que, de alguma forma, segue os preceitos do Estado-Nação, quando confrontada pragmaticamente com um modo-de-ser diferente do modo-de-ser colono desencadeia uma incompatibilidade com o caboclo e o indígena. O que chama atenção é que, esta incompatibilidade também acontece no interior da própria constituição do modo-de-ser imigrante.

Tratemos de compreender um pouco sobre o modo de criar de imigrantes colonos para depois retornar ao conflito analisado. A criação de porcos depois de 1990 passou a aumentar novamente na região, com a entrada das commodities na economia internacional e as políticas de investimento em frigoríficos e empresas de integração animal. No entanto, as famílias que criavam animais para o mercado da suinocultura diminuíram, assim, aumentando o número de animais por famílias que passaram a ter granjas. Os porcos antes criados em cercados passaram a ser mantidos em pavilhões, pois o número de cabeças de animais ultrapassou de mil, e, portanto, se transformou num sistema robotizado. De três formas, acontece a criação na suinocultura: (1) integrada, através de contratos formais com agroindústrias que fornecem todos os componentes necessários para a criação do animal, o criador tendo o local físico é somente responsável pela manutenção do espaço e cuidados com os animais, tudo sob orientação da empresa vinculada; (2) cooperada, se assemelha ao modelo integrado na forma organizacional, a cooperativa subsidia a criação, cabendo ao associado o trabalho manual, os lucros da cooperativa são distribuídos entre seus associados e, as opções de escolha por sêmen, ração, vitaminas, etc., mais diversificadas; (3) independente, sendo todo o processo de criação responsabilidade do produtor, da maternidade até a venda do suíno para abate num frigorífico, ou o mercado de porta, passando pela compra de sêmen, vacinas, ração

etc. Nas formas 1 e 2, os agricultores criadores não são responsáveis por todo o processo de produção. Já na forma 3, o criador é responsável por todas as fases até a venda. A criação industrial acontece por fases, são elas: UPD: Unidade Produtora de Desmamados; Crechário: fase de engorda dos leitões; UPL: Unidade Produtora de Leitão; UT: Unidade de Terminação; e, *wean to finish*: fase de engorda do leitão. Não é preciso seguir todas as etapas, algumas unidades substituem outras, por exemplo, o regime integrado ou cooperado pode acontecer da seguinte forma: UPD – Crechário – UT, ou UPL – UT, ou ainda, UPD – *wean to finish*<sup>1</sup>. Isto faz com que seja necessário transferir os leitões de uma unidade de produção para outra. Nestas formas de regime, o suinocultor, por não ter todas as fases da criação, depende da empresa para transportar os suínos quando chegam ao peso ideal. É, também, o motivo pelo qual as cidades ficam tomadas pelo cheiro dos carregamentos de suínos, que, no mínimo, viajam duas vezes ao dia, de uma unidade de desmame até uma unidade de terminação, e depois até o frigorífico onde serão abatidos. O suíno depois de atingir o peso de 22 kg a 26 kg, entra no período de engorda para abate, onde ficará até atingir entre 85 g a 125 kg. Os suínos, em 5 meses, ganham peso suficiente para serem levados ao abate. O tempo em que esta passagem acontece é visto como curto demais aos olhos de quem cuida, o fato de o suíno engordar muito rápido é levantado aqui como central para o surgimento de uma controvérsia sobre a carne, o que leva a entender que ela não é boa, porque contém muito hormônio.

A exigência de uma alta eficiência no crescimento do suíno, por parte da indústria, gera desconfiança de como este crescimento acontece por parte de cuidadores que criam seus próprios animais, partindo do pressuposto de que a carne dos porcos é mais saudável, mais “limpa” do que a dos suínos confinados. A carne de porco também mobiliza relações de parentesco e rituais de morte (FROELICH, 2012). É possível constatar lendo a dissertação de mestrado da antropóloga Míriam Stefanuto, em que trabalhadores indígenas de frigoríficos na região do oeste catarinense também não comem a carne do suíno de criação industrial, os Kaingang, apesar de não exercerem mais a caça, criam seus animais.

A carne mais apreciada entre os Kaingang, tanto pelos homens quanto pelas mulheres, é a de animais de criação, que costumam ser os suínos. Os suínos são criados em baias ou chiqueiros e são alimentados com sobras das refeições familiares e, às vezes, com parte das plantações de milho e mandioca. Os Kaingang asseguram que a alimentação e o tempo de engorda dos animais são “naturais”, em oposição aos animais das indústrias frigoríficas. Segundo os Kaingang, os animais de criação têm um processo de engorda mais lento, “que é o tempo que ele leva pra engordar mesmo”, e feito através de alimentos considerados naturais, não processados – como arroz, farinhas, legumes,

verduras e frutas –, quase sempre sobras das refeições da residência da família a qual pertencem (STEFANUTO, 2017, p.83).

É no âmbito do menor, por coordenadas locais e interespecíficas, que os agricultores criam animais e plantam roça para si mesmos. A curiosidade é que agricultores descendentes da condição de colonização adequam-se à integração de suínos, fazem dívidas com bancos e, ainda assim, criam seus porcos domésticos, assim como Kainkangs, que se tornaram trabalhadores em frigoríficos, também criam seus porcos. O encontro de imigrantes e do estado de colonização com caboclos e indígenas, transformou a relação de caça entre Kainkang em mão de obra para o mercado agroindustrial. Neste contexto, Kainkangs e colonos partilham de uma experiência compatível, que é a criação doméstica de porcos, porém, a expansão do agronegócio nas terras da região noroeste coloca o cultivo de soja e milho transgênicos, a criação industrial de suínos, e os trabalhos precarizados enquanto incompatíveis com a relação não mercantil da criação de porcos. A criação de porcos é da lógica do *diferinte*<sup>1</sup>, ou seja, é constituinte de uma ontologia outra da qual trataremos no tópico seguinte.

### **III. Encontros entre a monocriação e a biodiversidade**

A soja e o milho cobrem grande parte do território agricultável na região Noroeste, em decorrência da extração de madeira de onde antes era parte da Mata Atlântica e de Floresta Estacionária ao redor do principal afluente da região, o Rio Uruguai. Estima-se que somente 0,07% da Mata Atlântica tenha sobrado em pequenos fragmentos (NODARI, 2012, p.13). O que acontece com as espécies vivas e toda a biodiversidade destes locais ainda não é mensurado descritivamente. As onças pintadas, abelhas, quatis, tatus, porcos do mato, pintados, andorinhas, e outros tantos animais habitantes da floresta do Alto Uruguai, chamada de Floresta Estacional Decidual (FED) só podem permanecer nos 3% de território ainda restante (NODARI, 2012, p.11). A morte lenta da biodiversidade local devido às *plantations* deixa as florestas ilhadas<sup>1</sup>. Para além das florestas, os monocultivos cessam onde as coordenadas *diferintes* tomam espaço, ao redor das casas de agricultores, por exemplo. Exercendo uma biodiversidade doméstica os agricultores que criam animais e outras espécies cultivares contornam a lógica do monocultivo e da monocriação, mesmo sendo eles próprios plantadores de soja e monocriadores de suínos. Uma contradição se coloca no cerne das práticas, criar os suínos x criar porcos, plantar milho x plantar da pipoca e milho crioulo, existe um conflito ancorado entre o ideal da colonização (os pressupostos) e a experiência de colonização. Este conflito se expressou (e se expressa)

na afirmação étnica de colonos imigrantes versus caboclos e indígenas, e a justificativa de que era necessário desmatar para trazer o progresso (NODARI, 2012) hoje é vista na justificativa para aderir a monocriação e a *plantation*, porque “É só assim que se consegue dinheiro”, “Mato não dá dinheiro!”. Porém, ao redor de casa, agricultores mantêm um pedaço de mata para deixar as abelhas, um roçado para o milho, o feijão, as abóboras e a cana, o chiqueiro do porco, o estábulo dos bezerros e o galinheiro.

O conflito entre colonos imigrantes e os caboclos e indígenas se duplica nas práticas de agricultura dos colonos (HAUDRICOURT, [1962] 2013). Como a colonização tratou as terras e pessoas que ocupavam a região do Alto Uruguai tem muito a dizer sobre a relação que os imigrantes estabelecem com suas criações ou domesticações.

A vida cotidiana das épocas passadas deve ser restituída para compreender a atualidade, mesmo nos domínios mais abstratos. É tão absurdo se perguntar se os deuses que comandam, as morais que ordenam e as filosofias que transcendem não teriam alguma relação com a ovelha, por intermédio de uma predileção pelos modos de produção escravagista e capitalista? Ou, se as morais que explicam e as filosofias da imanência não teriam algo a ver com o inhame, o taro e o arroz, por intermédio dos modos de produção da antiguidade asiática e do feudalismo burocrático? (HAUDRICOURT, [1962] 2013, p.17)

Constatamos que o atravessamento das práticas domésticas de criação de animais e cultivares nas famílias de agricultores monocriadores pode indicar uma assimilação de conflitos entre colonos x caboclos, florestas x riqueza, progresso x práticas locais de agricultura. Ao mesmo tempo que agricultores criam suínos inseridos na ideia de que é o mais certo a se fazer para conseguir prosperar, estes agricultores criam porcos seguindo a lógica prática de convívio multiespecífico na paisagem local. A criação de suínos não está inserida localmente, tudo vem de longe, a ração, o soro de leite e o próprio animal, já o porco é pego da ninhada do vizinho, a comida são restos de alimentos humanos e abóboras do roçado. Os colonos vieram de longe assim como os suínos, os animais exercem também uma forma de colonização e conflito interespecífico, a diminuição da biodiversidade genética de espécies de porcos após o melhoramento genético para a monocriação, por exemplo, lembra o desmatamento da FED onde hoje planta-se soja e milho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordar a criação de porcos e da criação industrial de suínos, iniciamos uma possibilidade de conhecer tais histórias, e, como dirá Despret (2016), conhecer bem requer tato e atenção. Também requer tempo e, compreensão, para que se entendam as histórias e os encontros pragmáticos, o que evidenciam, quais as suas proximidades e invisibilidades. Como narrar histórias de uma socialidade para além do humano, indo ao encontro das pressuposições ontológicas que a criação de porcos se baseia? Em que passo anda a existência de outros entes que fogem à compatibilidade com o sistema de criação industrial? Para buscar compreender a constituição ontológica da agricultura no Médio Alto Uruguai é necessário visualizar a guerra ontológica tanto étnica quanto econômica que circunda o saber-fazer de agricultores, caboclos e indígenas da região. Por isso, neste curto artigo, tentamos refletir sobre o *cosmos* político-ontológico da paisagem histórica incumbida nas práticas agrícolas, especificamente na criação de porcos.

Constatamos que a vinda de colonos para a região Noroeste do Rio Grande do Sul e Oeste de Santa Catarina transformou a paisagem ambiental nos arredores do Rio Uruguai, primeiro com o desflorestamento e, depois, com a fixação de práticas agrícolas monocultoras. Esta transformação, apesar de encontrar algumas barreiras epidemiológicas e sanitárias, como a Peste Suína Clássica e a Peste Suína Africana, não estagnou a ideia de progresso e crescimento da região e, estabelece um continuum na realidade do presente.

Buscamos fazer um exercício de abstração conceitual através do conflito ontológico proposto por Mauro Almeida, não estamos certos de que conseguimos ser fiéis ao autor, visto que o mesmo estuda sociedades Amazônicas com dinâmicas ontológicas muito distintas das encontradas na região Sul do país. Contudo, nossa pretensão foi demonstrar que existiu e ainda existe um conflito entre os modos-de-ser caboclo, indígena e colono, e que, no encontro entre modos-de-fazer (a criação, a roça, a mata) existem brechas que possibilitam a transmissão de conhecimentos. Ficamos por responder a questão de que, mesmo em contexto de guerra ontológica onde o conhecimento do mais forte (neste caso, dos colonos) é imposto ao outro (caboclos e indígenas, que tem seus sistemas agrícolas tradicionais devastados) desencadeando guerras ontológicas, é possível encontrar brechas?

Esperamos que a paisagem histórica que reconstituímos a partir da prática agrícola nos auxilie em trabalhos posteriores para compreender a paisagem de expansão do agronegócio e da suinocultura na região do Médio Alto Uruguai gaúcho. Queremos

compreender como colonos se associam às práticas suinícolas e continuam criando porcos, e se esta continuidade do fazer doméstico pode ter a ver com uma aproximação as práticas de caboclos e indígena.

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Mauro. Caipora e outros conflitos ontológicos. **R@u Revista de Antropologia da UFSCar**, São Carlos, v.5, n.1, p.7-28, 2013.

COSTA, Alyne de Castro. Virada geo(nto)lógica: reflexões sobre vida e não-vida no Antropoceno. **Revista AnaLógos**, Rio de Janeiro, UFRJ, v. 1, 2016, p. 140-150.

BEVILAQUA, Ciméa; VELDEN, Felipe Vander (org.). **Parentes, Vítimas e Sujeitos: perspectivas antropológicas sobre a relação entre humanos e animais**. Curitiba, Paraná: Editora UFPR, 2016.

BULAMAH, Rodrigo Charafeddine. De marrons a kreyòl: a chegada dos porcos ao Caribe e a gênese do campesinato haitiano (1492-1804). *In: VII Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia*, 2019, UFSC.

BRICHET, Natalie; HASTRUP, Frida. Producing gold from Greenlandic mountain. *In: Wreckage and recorevy: Exploring the nature of nature*. Hojbjerg: Aarhus University, 2015.

DESPRET, Vinciane. **“O que diriam os animais se...”**. Belo Horizonte, Editora Chão de Feira, 2016.

MARRAS, Stelio. Por uma antropologia do entre: reflexões sobre um novo e urgente descentramento do humano. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 69, p. 250-266, abr. 2018.

NASCIMENTO, Diana. **A Resiliência do sistema agrícola tradicional Kaingang frente ao avanço do agronegócio: O caso da Terra Indígena Nonoai- RS**. Dissertação

(Mestrado profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais - MESPt)  
Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, 2017.

NODARI, Eunice Sueli. **Fronteiras Fluídas**: florestas, Rio Uruguai e ocupação da região. In: História do campesinato na Fronteira Sul. Paulo A. Zarth (org). Porto Alegre: Letra & Vida: Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul, 2012.

FROEHLICH, Graciela. **“Do porco não sobre nem o grito!”**: classificações e práticas, saberes e sabores no abate doméstico de porcos. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

GERHARDT, Marcos. Os caboclos e a história da paisagem. In: **História do campesinato na Fronteira Sul**. Paulo A. Zarth (org). Porto Alegre: Letra & Vida: Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul, 2012.

LEWGOY, Bernardo; SORDI, Caetano. Javalis no pampa: invasões biológicas, abigeato e transformações da paisagem na fronteira brasileiro uruguaia. **Revista Horizontes Antropológicos**. Universidade Federal de Porto Alegre, Porto Alegre. n. 48, p. 75-98. 2017.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom**, n.5, “Vulnerabilidade”, 2016. Disponível em: <[climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=5258](http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=5258)>. Acesso em: 03 Jun. 2019.

HAUDRICOURT, André-Georges. Domesticação de animais, cultivo de plantas e tratamento do outro. **Série Tradução**, Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA (IBGE). **Estatística de produção pecuária**. [S.I] Brasília, 2017. Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Producao\\_Pecuaria/Fasciculo\\_Indicadores\\_IBGE/abate-leite-couro-ovos\\_201702caderno.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Producao_Pecuaria/Fasciculo_Indicadores_IBGE/abate-leite-couro-ovos_201702caderno.pdf)>.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

KRENAK, Ailton. Ecologia política. **Revista Ethnoscintia**, Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia. n.2, 2018.

MASSUMI, Brian. **O que os animais nos ensinam sobre política**. Editora: nº1. São Paulo, 2017.

PERROTA, Ana Paula. Abate bovino e rede industrial: um estudo sobre a introdução e a gestão racional e econômica das emoções dos animais. **Revista Política e Sociedade**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. n.33, p. 68-95, Ago. 2016.

POVINELLI, Elizabeth. **Geontologias do aquilo-outro**. Urdimento, Revista de Estudos em Artes Cênicas, UDESC, v.2, n.27, p.418-422, Dez. 2016.

STEFANUTO, Míriam Rebeca Rodeguero. **Trabalho calado: Os kainkang do Toldo Chimbaungue e as indústrias da carne**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

RENK, Arlene. **A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense**. 2. ed. Chapecó: Argos, 2006.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 69, p. 442-464, abr. 2018.

STENGERS, Isabelle. **Reativar o animismo**. Belo Horizonte, Minas Gerais: Editora Chão de Feira, 2016.

TERHORST, Karin; SCHMITZ, Leila. De porco a suíno: história da suinocultura e dos hábitos alimentares associados aos produtos dela derivados entre agricultores familiares

do Vale do Taquari. In: **A Agricultura Familiar à mesa: Sabores e práticas da alimentação no Vale do Taquari**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEM Mil Folhas, 2019.

WINCKLER, Sylvania Teresinha; RENK, Arlene; LESSA, Lizete. Impactos socioambientais da suinocultura no oeste catarinense e a iniciativa de implantação de biodigestores pelo Projeto Alto Uruguai. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Universidade Federal do Paraná, v. 41, p. 237-251, 2017.

VIANA, Francisco Cecílio. **História e memória da peste suína africana no Brasil, 1978-1984: passos e descompassos**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas Canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural**. São Paulo: N-1 Edições, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; *et. al.* A política da ontologia: Posições antropológicas. **Ayé: Revista de Antropologia**. UNILAB, nº 1, v. 1, 2019.